

Conhecendo a Antropologia pelo desenho: experimentações pedagógicas e metodológicas¹

Katianne de Sousa Almeida

Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS/UFG)

Resumo: Este trabalho compartilha abordagens preliminares da pesquisa de doutorado sobre o uso do desenho como artifício pedagógico para a formação antropológica dentro da estrutura disciplinar acadêmica em Universidades brasileiras, especificamente inserido no curso de Antropologia na Universidade Federal de Goiás (UFG) dentro da disciplina “Antropologia da Percepção: fluxos, subjetividades e grafias”. O objetivo é divulgar estratégias de ensino de Antropologia utilizando o desenho para se compreender de forma prática as diversidades, as sutilezas e as temporalidades existentes no trabalho de campo antropológico. Foi importante identificar nas aulas a relação histórica, em que desde a concepção da Antropologia como campo do conhecimento, do uso do desenho como ferramenta de pesquisa e auxílio à compreensão das expressões culturais de grupos sociais registradas nos diários de campo, aos dias atuais em que o desenho saiu do diário e assumiu um lugar de destaque na produção de ideias e síntese de conceitos. A Antropologia feita com desenhos coloca em diálogo linguagens e metodologias diversas, o que pode provocar uma produção de conhecimento científico mais dinâmico e acessível, conseqüentemente, a ampliação dos horizontes epistêmicos da disciplina, assumindo os riscos da experimentação no desenvolvimento da Antropologia na contemporaneidade. As produções gráficas dentro da disciplina evidenciaram o engajamento das(dos) pesquisadoras(es) em evocar a linguagem do desenho em suas investigações ou observações, buscando ampliar o debate acerca das diversas possibilidades de comunicar seus trabalhos para além das

¹ Trabalho apresentado na 33ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022.

² Movimento 1:

Atmosfera: o exercício deve ser realizado debaixo do chuveiro. Caso não se sinta à vontade. Fazer sentado no quarto, como fizemos em aula.

1) Coloque as conchas ou copos próximos aos ouvidos. Ouça um som que se assemelha ao o som do mar ou da cachoeira. Esse som deverá continuar durante todo o exercício.

2) Caminho do olhar e centro de força:

a) Com os olhos fechados, ouvindo o som do mar e sentindo a água cair na pele. Fique com os olhos soltos, verifique para onde seu olhar se dirige ou tenta se dirigir. Perceba as cores ou flashes de luz que surgem com os olhos fechados.

b) Tente caminhar levemente com as pupilas para esquerda, veja se as pupilas são puxadas para o centro do seu olho ou para outro lugar. Repita esse movimento para direita, para cima e para baixo. A ideia é ver se os olhos estão soltos ou se estão sendo puxados para alguma região. Faça o movimento calmamente.

3) Observando o espaço como um “todo” com os olhos soltos: deslocando a atenção perceptiva: como

palavras. O diálogo proposto entre desenho e Antropologia vem portanto, construindo importantes fundamentos teóricos e imagéticos para potencializar a elaboração do pensamento antropológico não apenas como ferramenta de pesquisa, mas um método capaz de mostrar outros caminhos para as etnografias.

Palavras-chave: experimentações, desenho, epistemologia gráfica.

O começo como ponto da questão

Escolhemos uma à outra
e as fronteiras das batalhas de cada uma
a guerra é a mesma
se perdermos
um dia o sangue das mulheres coagulará
sobre um planeta morto
se vencermos
não há como saber
procuramos além da história
por um encontro mais novo e mais possível (Audre Lorde).

Abrir este texto com a poesia de Audre Lorde, escritora feminista negra e ativista dos direitos civis, significa um desejo ambicioso de amparo diante da jornada por novos caminhos e, conforme suas palavras “toda mudança implica crescimento, e crescer pode ser doloroso”(Lorde, 2019: 140). Ao preparar a sua imersão – leitora ou o leitor – em águas poéticas e, talvez, mais suaves e amenas a intenção é iniciar a navegação conduzida pela seguinte questão *o que as rupturas de fronteiras dentro de um campo disciplinar pode vir a nos dizer dentro da produção antropológica contemporânea?*

Ainda mediante essa incipiente proposta de interlocução gostaria de compartilhar ao longo deste texto, assim como Audre Lorde, poesias e ilustrações, de minha autoria, que visam extrapolar a roupagem tradicional de produção de conhecimento antropológico fazendo uma bricolagem entre texto, imagem e poesia como um desafio experimental em narrar as tensões existentes na contemporaneidade, através dos desdobramentos políticos, como as lutas contra o colonialismo dos saberes, as intervenções das(os) aliadas(os) e pesquisadoras(es), resultantes das políticas de ações afirmativas, diante ao epistemicídio, além do apagamento das produções latinas e das mulheres negras.

A estratégia criativa de produção sensível e viva da ciência, por meio da combinação das linguagens das grafias é um chamado urgente para a transformação epistemológica da Antropologia.

Este trabalho compartilha abordagens preliminares da pesquisa de doutorado sobre o uso do desenho como artifício pedagógico para a formação antropológica dentro da estrutura disciplinar acadêmica em Universidades brasileiras. O objetivo é divulgar estratégias de ensino de Antropologia utilizando o desenho para se compreender de forma prática as diversidades, as sutilezas e as temporalidades existentes no trabalho de campo antropológico.

Dentro desta perspectiva, o desenho é pensado como uma maneira de investigação e uma forma de se aprender a fazer Antropologia. A primeira experiência de campo que presenciei a relação entre ensino e aprendizagem na Antropologia com o desenho foi na disciplina “Antropologia da Percepção: fluxos, subjetividades e grafias” ministrada pelo Prof. Luis Felipe Kojima Hirano ofertada dentro do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS/UFG) no primeiro semestre de 2021. Ao todo foram realizadas seis grafias que conectaram o desenho com a poesia, como um projeto Antropográfico, em que o foco estava no “aprender-fazendo” e no “pensar-fazendo”.

Os exercícios incorporaram percepções, movimentos, corporalidades e grafias que conduziram um diálogo quanto à polissemia das linguagens, suas autoridades e interdependências. Portanto, era importante descrever as sensações que apareceriam tanto durante o exercício proposto quanto ao se fazer o desenho. A partir das leituras de Ingold (2015), fui sensibilizada a produzir conhecimentos que trouxessem a vida de volta para a Antropologia. Logo, a vida percebida por meio de fluxos, como movimento, ou seja, compreender outros modos de existir que percebem o mundo. Neste caso a percepção é um modo de subjetivação.

O primeiro movimento e grafia 01² da disciplina foi nomeado como “Checando a visão do todo³”. O objetivo estava em conhecer a partir de si mesmo outras grafais e

² Movimento 1:

Atmosfera: o exercício deve ser realizado debaixo do chuveiro. Caso não se sinta à vontade. Fazer sentado no quarto, como fizemos em aula.

1) Coloque as conchas ou copos próximos aos ouvidos. Ouça um som que se assemelha ao o som do mar ou da cachoeira. Esse som deverá continuar durante todo o exercício.

2) Caminho do olhar e centro de força:

a) Com os olhos fechados, ouvindo o som do mar e sentindo a água cair na pele. Fique com os olhos soltos, verifique para onde seu olhar se dirige ou tenta se dirigir. Perceba as cores ou flashes de luz que surgem com os olhos fechados.

reconhecer de outra maneira o campo, ou seja, produzir Antropologia a partir da ontologia do fazer, se diferenciando das metodologias passivas.

Nesta primeira atividade produzi o desenho e a poesia que seguem abaixo:



Figura 1 - Salmões-pássaros. Produção da autora, 2021. Materiais utilizados: carvão, pastel seco e caneta nanquim sobre papel.

Salmões-pássaros

Entra, fecha a porta.

Cria-se uma atmosfera de segurança, respira fundo.

b) Tente caminhar levemente com as pupilas para esquerda, veja se as pupilas são puxadas para o centro do seu olho ou para outro lugar. Repita esse movimento para direita, para cima e para baixo. A ideia é ver se os olhos estão soltos ou se estão sendo puxados para alguma região. Faça o movimento calmamente.

3) Observando o espaço como um “todo” com os olhos soltos: deslocando a atenção perceptiva: como fizemos em aula, tente olhar com os olhos fechados para toda extensão do campo visual. Preste atenção nas margens dos olhos. Tente ver o campo visual como um todo.

4) Abra os olhos calmamente, observe a atmosfera do lugar, as sensações na pele, na visão e na audição.

Grafia 1:

1) Pegue um papel em branco, lápis, giz de cera ou caneta.

2) Não utilize borracha. No desenho como diz Ingold cada linha leva uma continuação. A borracha além de servir como um sensor, pode reprimir uma emergência de uma linha singular.

3) Não olhe para o desenho, tente movimentar as mãos conforme as sensações que o exercício provocou.

4) Desenhe quantas vezes quiser.

³ Adaptado em conversa com a Javiera Abufhele do exercício: Reorganizando-se (entre o “campo do lugar” e o campo pessoal). Do livro Tarefas V3 da terapia Arte Org. por Jovino Camargo Jr.

Não é um ato banal de higiene, estou no exercício.
Ligo o chuveiro, cheiro de água, toque frio, a água escorre e a cabeça se entrega às sensações.
Dois copos estão na bancada e eles são ferramentas do exercício.
Copos, água, banheiro, frio e chuva.
Espaço, ferramentas, sons e vem o suspiro.
O ar entra mais profundamente pelo nariz, garganta, esôfago, pulmões e preenche o corpo.
A água toca cabelo, face, costas, frente e dedos dos pés.
Copos nos ouvidos e eu me preencho de mim mesma e das memórias antes do mundo acabar e logo retorno para aquele janeiro de 2020 dentro do mar, onde eu gritei: até logo!
Só que esse logo não veio e nem sei quando ou se virá.
Fecho os olhos e tento alcançar essa memória numa sensação mais profunda e já me desloco para o barulho das correntezas, aquelas pequenas quedas d'água que possuem pedras brilhantes.
Seriam pedras ou vagalumes?
Vou levando os olhos para os espaços múltiplos e pequenas luzes que se assemelham ao prisma brilhando incandescentes.
Eu criei os vagalumes, mas de repente se dispersaram e viraram pequenos focos de luz branca em dias de natal.
Porém, essa luz em forma de pontos cada vez se torna mais embaçada e esparsa e vira um enorme borrão e, então, os pensamentos retornam.
Copos, olhos fechados, água do chuveiro são som, visão e tato, tudo torna-se um mergulho dentro daquilo que se quer preencher.
Quando se entra no oceano é você que preenche ou ele que está te preenchendo?
O movimento de zigue-zague é cheio de dualidades ou dubiedades.
Dentro da água é possível sentir a sensação de mergulhar e também a sensação de voar.
O som dos copos também traz a sensação de estar em um avião ou pular de uma ponte.
Mergulhar com peixes, voar como vagalumes, repousar como as memórias.
O banheiro tornou-se um santuário e foi um refúgio para toda a influência externa de sentidos e de informações.
Dentro desse equilíbrio forjado, o desenho construiu-se como um momento de afago.
Continuava o clima de reduto protetivo e não estavam implicadas as regras de forma, volume e cores.
Na memória eram somente os salmões de Ingold subindo as cachoeiras e que eu os tinha transformado em pássaros.
E este olhar era exclusivamente meu dentro daquela experiência.

Durante a realização dos exercícios era importante compreender que toda observação é uma forma de participação, portanto devíamos superar a dicotomia pensamento versus ação. Ingold (2002) critica o fato que o foco da experimentação na Antropologia está no trabalho de campo e que é necessário um movimento para que ela aconteça também em sala de aula.

Ao se ensinar Antropologia por meio de atividades com desenhos, o professor se coloca em fluxo para repensar os modos de pedagogia, ao tensionar conceitos, para a

valorização dos processos, ao invés dos produtos, portanto criando um espaço fértil de engajamento para se romper com os cânones que estruturaram a Antropologia Clássica.

De forma muito sintética, eu diria que, ao trazer o desenho para dentro da antropologia, problematizam-se duas dimensões centrais da área: a experiência etnográfica e a produção de narrativas a partir dela. Da primeira, se desdobram questões como as do diálogo entre as subjetividades de investigadores e interlocutores, da busca de horizontalidade entre esses universos, da evocação de memórias, da produção de trocas e colaboração, mas sobretudo do projeto de viver uma experiência de campo num tempo alongado, de modo sensível, focada em captar o momento e consciente das próprias limitações desse empreendimento. Da segunda, fruto dessa consciência, se enfrentam os problemas da representação e fabricação de uma alteridade sistematizada, objetificada, pela linearidade da voz antropológica e seus jogos hermenêuticos (Ramos, 2010: 25). Contra essas armadilhas, os textos e as imagens artesanais evocariam fragmentos das múltiplas dimensões do processo vivido, dando a ver as possibilidades e impossibilidades da produção (e divulgação) do conhecimento etnográfico e antropológico (Kuschnir⁴, 2016:11).

Sendo assim, a escrita deste trabalho assumiu uma postura sensível para o diálogo com aquilo que foi observado, ou melhor, foi por meio das grafias que se pretendeu tornar viva a produção do conhecimento. A produção científica divulgada pelos eventos acadêmicos e pelas revistas especializadas de Antropologia estão, necessariamente, conectadas a uma análise crítica das ações humanas, entretanto, há o mundo do sensível que a escrita acadêmica ortodoxa, por vezes, não alcança e dentro da proposta da Antropologia Gráfica temos mais uma dimensão capaz de capturar elementos que se esquivam.

Os nós pelo caminho

O ato de experimentar é, na maioria das vezes, um salto no desconhecido, tanto por suas características inovadoras e ousadas, quanto por enfrentar uma posição de fluidez que, para alguns, pode significar uma desestabilização perigosa no campo da construção do pensamento científico.

Experimentar é um estado de vivacidade, ou seja, é construir uma ciência viva capaz de duvidar de si mesma constantemente. A dúvida é um dos pilares, ou também podemos dizer a curiosidade, daquilo que compõe a produção científica e a pesquisa.

Pesquisamos porque queremos entender, compreender, analisar, teorizar, enfim, em todos esses verbos estamos vivenciando um modo de experiência científica. Quando propus uma tese desenhada no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social dentro da Universidade Federal de Goiás (PPGAS-UFG) a intenção foi colaborar com o

⁴ Karina Kuschnir é antropóloga branca professora associada do Departamento de Antropologia Cultural do IFCS/UFRJ, onde coordena o Laboratório de Antropologia Urbana.

debate que almeja potencializar o alcance dos conceitos científicos, assim como sinalizou, em seu chamado urgente, o professor e antropólogo indígena Gersem Baniwa⁵:

A disciplina deve ceder lugar a indisciplina metodológica para dar lugar à diversidade, do inesperado, ao sonho humano, ao possível e sobretudo à busca pelo desconhecido e pela liberdade de pensar, de fazer e de viver; e estimular e valorizar o espontâneo, o que não é conduzido, pelos dogmas criados e impostos, para que o homem recupere sua capacidade de pensar, inventar, criar, acertar e errar, enfim ser humano e não máquina ou peça de uma máquina pré-moldada, ou seja, humano como humano ou o índio como índio (2019: 49-50).

A sugestão de uma indisciplina não fica isolada na exposição acima, ela também é um manifesto de algumas pesquisadoras e pesquisadores, aos quais posso recomendar como leitura as produções de Dias⁶ (2019), Krenak⁷ (2019), Quintiliano⁸ (2019), Novais⁹ (2018), Collins¹⁰ (2016), Neale Hurston¹¹ (2019).

Em resumo, as ideias das autoras e autores citadas (citados) acima expressam dimensões éticas, estéticas, políticas e teóricas da Antropologia, em seu contexto contemporâneo, onde as sutilezas de um campo disciplinar, compostas por gêneros invisíveis, inaudíveis e indizíveis, não trazem respostas prontas e objetivas, mas coloca este campo o tempo todo em questão, ou melhor em tensão apresentando suas rupturas e deslocamentos. De acordo com Collins:

Como outsiders within, estudiosas feministas negras podem pertencer a um dos vários distintos grupos de intelectuais marginais cujos pontos de vista prometem enriquecer o discurso sociológico contemporâneo. Trazer esse grupo – assim como outros que compartilham um status de outsider within ante a sociologia – para o centro da análise pode revelar aspectos da realidade obscurecidos por abordagens mais ortodoxas (2019: 101).

Retomando as palavras de Audre Lorde, certa que o crescimento é doloroso trago também para o debate a contribuição de Manuela Carneiro da Cunha¹² (2009) que entende a contemporaneidade como “tempos de reflexividade representacional e de ansiedade intelectual” (p. 320). Por efeito desta perspectiva, a Antropologia perante as viradas (ou poderiam ser imaginadas como verdadeiras capotadas) linguísticas, epistêmicas, ontológicas, ecológicas é interpelada pelos seus produtores de

⁵ Atualmente é professor associado no Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília.

⁶ Antropóloga negra feminista e professora da Universidade Federal de Goiás.

⁷ Ativista do movimento socioambiental e defesa dos direitos indígenas e doutor honoris causa pela Universidade Federal de Juiz de Fora/MG.

⁸ Antropeta negra quilombola. Doutoranda em Antropologia Social pela UFG.

⁹ Antropólogo branco, mestre em Antropologia Social pelo PPGAS/UFG e professor de Jornalismo.

¹⁰ Filósofa, socióloga negra estadunidense e professora universitária.

¹¹ Antropóloga e cineasta negra estadunidense.

¹² Antropóloga luso-brasileira.

conhecimento, quanto ao direito de narrar e ao direito de imaginar o mundo sem muros, por vezes, tidos como intransponíveis dentro de categorias analíticas ortodoxas.

A potencialidade de uma produção sensível e performática no campo antropológico faz parte da disputa colocada em evidência, principalmente, por pesquisadoras(es) indígenas e negras(os) que criticam o *modus operandi* da Antropologia que, de acordo com elas(eles), ainda usa epistemologias brancas colonizadoras e dificulta a diversidade dos saberes, dos sujeitos e das metodologias.

O reencantamento da Antropologia para além das dualidades que separam sujeito do objeto, natureza e cultura, estrutura da ação, objetividade da subjetividade, o eu e o outro, é uma tentativa de romper com a versão opaca das narrativas controladas pelo olhar centrado e hegemônico.

Para compor a interlocução desse conceito de reencantamento da Antropologia trago as contribuições de Ingold¹³ (2015) que mostra um caminho para abrir a percepção de dentro para fora e assumir uma ideia diferente de recepção passiva do conhecimento. Ingold é um dos autores que tentam superar a dicotomia natureza versus cultura, pois por meios de seus argumentos sobre as maneiras como a vida se desdobra ele afirma que ela não é exclusiva dos seres sencientes, as coisas possuem vida e a vida é constituída de fluxos contínuos.

A fim de dar um desdobramento para esta reflexão segue o segundo poema e desenho provocadas a partir do movimento e grafia 02 da disciplina “Antropologia da Percepção”:

¹³ é um antropólogo britânico e presidente de Antropologia Social da Universidade de Aberdeen.

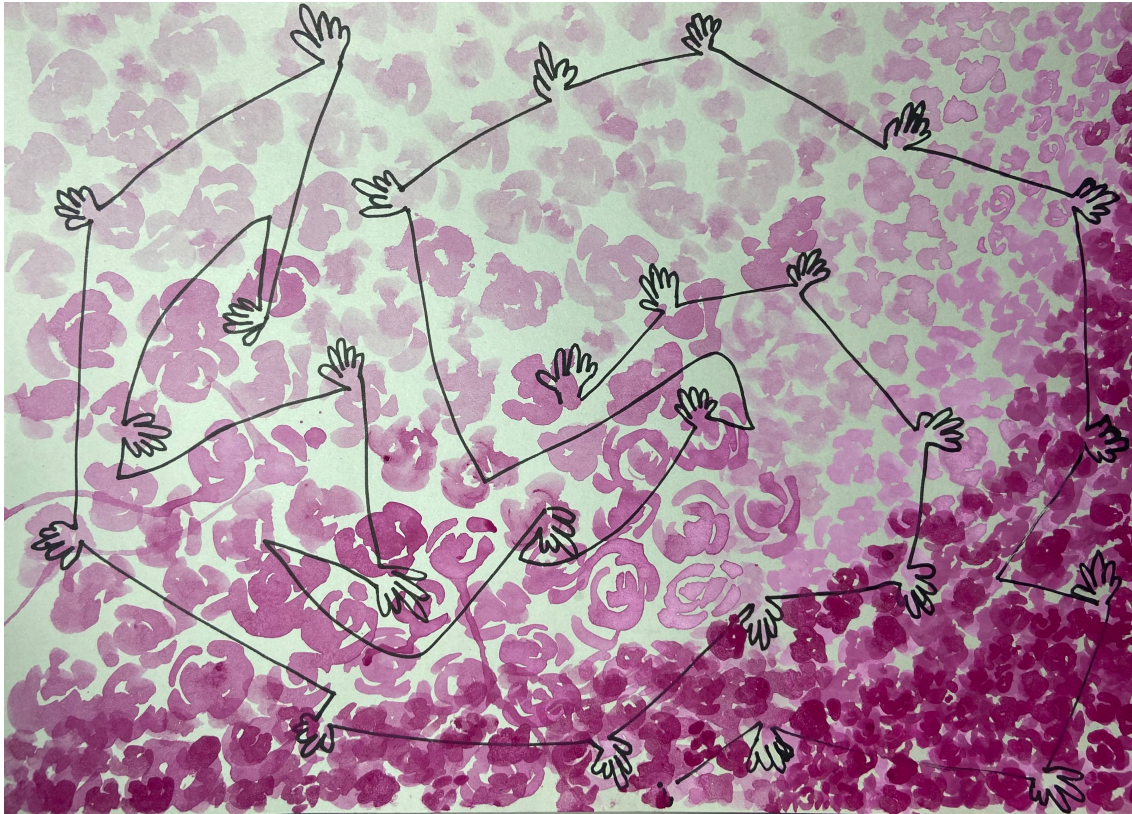


Figura 2 – Desenrolar. Produção da autora, 2021. Materiais utilizados: caneta nanquim e aquarela sobre papel couché cinza 250g.

Desenrolar¹⁴

Foi mais barulhento dessa vez, pois o som do chuveiro não estava mais lá.

A água com os copos fizeram eco na mente e abafaram os pensamentos.

Sem esse subterfúgio eles gritavam, eles: os pensamentos.

No ato de desenrolar o cordão grosso de algodão seu material, orgânico como a pele, parecia se integrar como tecido, entrelaçando a trama.

¹⁴ Pauta do movimento 2 e grafia 2 da disciplina Antropologia da Percepção:

- 1) Consiga um novelo de fio grosso ou de lã e leve um destes emaranhados de fios com você.
- 2) Sente-se na sala de casa, mas de tal forma que você tenha uma parte da sala em sua visão panorâmica. (Caso não seja possível fazer na sala de casa, faça no quarto com a janela aberta, pois é um exercício a ser realizado num lugar intermediário entre o fechado (banheiro) e o aberto (varanda, quintal ou em parques).
- 3) Dedique os próximos minutos a desenrolar e enrolar os fios. Ora olhe para os fios, ora olhe para algum lugar da sala e tente manter sua visão panorâmica como ilustrado no segundo círculo maior na figura acima.
- 4) Modifique sua postura corporal, a velocidade das mãos, o lugar para onde você está olhando, a visão panorâmica da sala, de tal forma que você encontre um jeito de ficar com os fios e com você com tranquilidade.
- 5) Depois desenhe e escreva sobre a experiência.
 - a) Descreva como foi a sensação tátil ao enrolar e desenrolar os fios;
 - b) Descreva o caminho do olhar;
 - c) Descreva de que maneira a mudança na postura corporal, mudou sua sensação tátil e o campo de visão;
 - d) Descreva de que maneira mexer nos fios em velocidades diferentes provocaram outras sensações.

Do livro Tarefas V3 da terapia Arte Org. por Jovino Camargo Jr.

Cada enrolar dos fios, como uma cobra que se adapta à superfície, fazem vibrar os microporos sensoriais e levantam os meus pelos, como uma sensação de arrepiar-se ao medo do sufocamento.

Volta o som do barulho, como muitas vozes a pedir atenção e querem apoderar-se do meu corpo.

Entretanto, rapidamente quanto mais fios preenchem dedos, braços, cabeça, pescoço, o calor aumenta e sinto que vou preenchendo e silenciando os pensamentos.

O cordão que enrola também desenrola e volta ao seu quilo de barbante.

No pulsar do encontro tátil há também a experiência do olhar.

O estar ao centro não é tão confortável, pois o centro é o espaço do confronto.

Lembro-me das vozes e as faço escapar também fugindo do olhar.

O olhar vai para cada margem da sala e sempre para cima, as quinas da parede e os desenhos de cada canto são também cada parcela dos fios do barbante de algodão que encosta na pele e novamente a aquece.

Sento, deito e me enrolo junto com o longo barbante que me prende, mas também aquece, são braços que sufocam ou que protegem?

Não sei distinguir a diferença, porque os pensamentos voltam a gritar.

O desenrolar rápido traz uma sensação de libertação, mas a matéria sem a presença de outra matéria diminui a sensação de calor e volto a enrolar os fios calmamente para sinalizar a despedida do movimento e acalmar as mãos enlouquecidas dos pensamentos que tentam gesticular abraços necessários a me preencher e abraçar dizendo que vai ficar tudo bem.

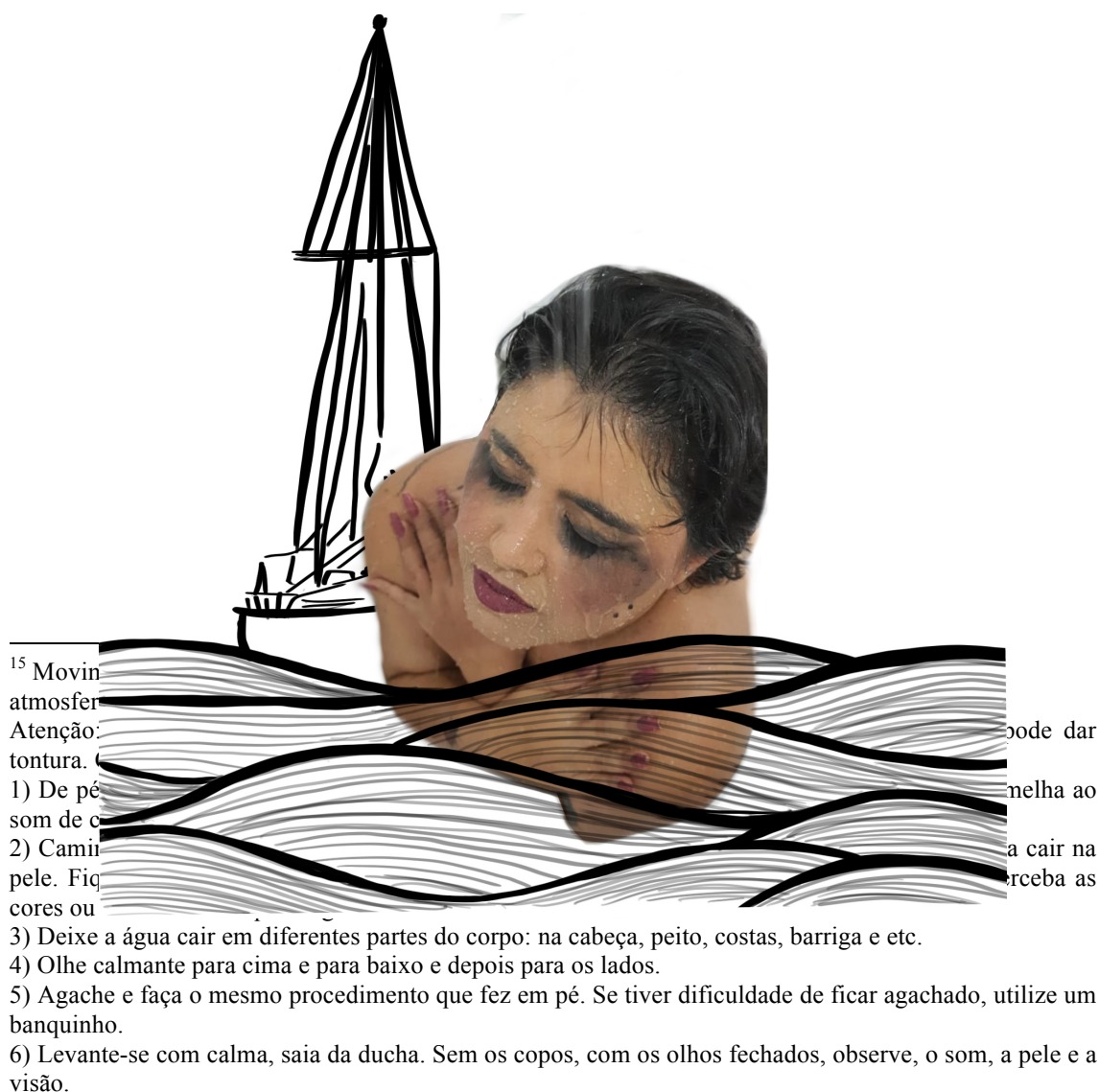
Pra essa atividade foi importante tirar os contornos e abrir o espaço para os fluxos, ou seja, estar aberta aos processos. Esse é um movimento importante para o engajamento político dentro da produção científica, pois ao se engajar no mundo que o percebemos e a partir desta percepção que compartilhamos nossas subjetividades, conseqüentemente as percepções estão sempre em transformação.

A Antropologia, como campo disciplinar, que teve sua base inaugural postulada na dicotomia do sujeito do conhecimento em contrapartida ao objeto do conhecimento é questionada pelos grupos periféricos e marginalizados (feministas, movimento negro, ambientalistas, indígenas, quilombolas, entre outros) quanto às suas metanarrativas (etnógrafo versus nativo; sujeito versus objeto; campo versus teoria; ocidente versus oriente) na contemporaneidade. O campo do saber da disciplina antropológica tanto nos países centrais como nos periféricos está “envolvido agora na tarefa de descolonização das paisagens mentais, a qual implica uma revisão radical dos seus cânones, tanto teóricos como temáticos” (Carvalho, 2001:111).

Sendo assim, é crucial trazer os conhecimentos forjados nas margens para o centro, não de forma polarizada, mas pulverizados e dinâmicos, como um movimento migratório de produção de conhecimento multisituado.

Diante dessas considerações é evidente a urgência em se revisar as ferramentas analíticas consagradas na Antropologia clássica, ou seja, verificar se elas continuam sendo suficientes para o atual contexto contemporâneo em que as fronteiras estão borradas, ou seja, onde elas estão em processo de dissolução.

As experiências atravessam as corporalidades da(do) pesquisadora(pesquisador) em campo e neste trabalho foi por meio das grafias que repensei alguns elementos-chave do trabalho do antropólogo, o que Roberto Cardoso de Oliveira (1996) definiu na tríade: o olhar, o ouvir e o escrever. Ao me abrir para as grafias, os fluxos, os emaranhados propostos por Ingold (2015) percebi que não há uma só maneira de olhar, ou seja, olhamos para, olhamos com, ouvimos vendo. Para refletir sobre as transformações nas formas de conhecer trago o desenho e a poesia que foram consequentes ao movimento e grafia 04¹⁵ proposto na disciplina “Antropologia da Percepção”:



¹⁵ Movimento atmosférico. Atenção: tontura.

1) De pé som de c
2) Caminhando sobre a pele. Fique atento às cores ou

3) Deixe a água cair em diferentes partes do corpo: na cabeça, peito, costas, barriga e etc.

4) Olhe calmante para cima e para baixo e depois para os lados.

5) Agache e faça o mesmo procedimento que fez em pé. Se tiver dificuldade de ficar agachado, utilize um banquinho.

6) Levante-se com calma, saia da ducha. Sem os copos, com os olhos fechados, observe, o som, a pele e a visão.

Figura 3 - Navegar-se. Produção da autora, 2021. Materiais utilizados: colagem digital com fotografia e desenho digital no aplicativo Procreate no Ipad.

Navegar-se

Pulsa a energia do universo
mesmo diante à ansiedade intelectual.
Espaço e ferramentas de uma experiência
e cada etapa é um aprofundamento
tanto do sentir, da gota que cai, do frio do ambiente úmido, das luzes
que não se cansam de dançar formando uma galáxia dentro do vazio
dos meus olhos e do som que engole os pensamentos para o precipício
da intimidade.
Sinto-me dentro de uma concha, pequena,
navegando sobre meus próprios pensamentos,
já que não há subterfúgios para a fuga
fluxo contínuo.
Dentro do vácuo deste mundo tudo acontece em câmera lenta
a água que percorre o corpo simula um barco que avança ao movimento do vento
o barco não tem qualquer máquina para deslocar-se
aquém do que a natureza ou a sorte podem lhe oferecer.
A embarcação percorre cabeça, ombros, abdômen, costas, pernas, dedos
eu estou sendo minunciosamente explorada e fico com medo,
porque o conhecimento também traz esse efeito, ele escancara o que, por vezes, pode
estar escondido.
Ao agachar, o medo se dissipa e me sinto segura,
mas é uma sensação frágil
uma vez que meu tamanho fica menor
estar confortável pode não ser suficiente.
E, muitas vezes, são essas as escolhas que fazemos em nosso cotidiano
ora estar seguro
ora estar confortável
ora estar grandioso
ora estar em paz consigo mesma.
Observo tudo ao redor daquele ambiente
olho para aquele espaço e parece que eu não o conheço
ou desconheço a mim mesma
ou estou naufragando
ou se estou dentro do barco.
São esses os motivos que trazem a fotografia uma maquiagem borrada
que esvai uma produção externa vulnerável
de se manter forte em circunstâncias tempestuosas.

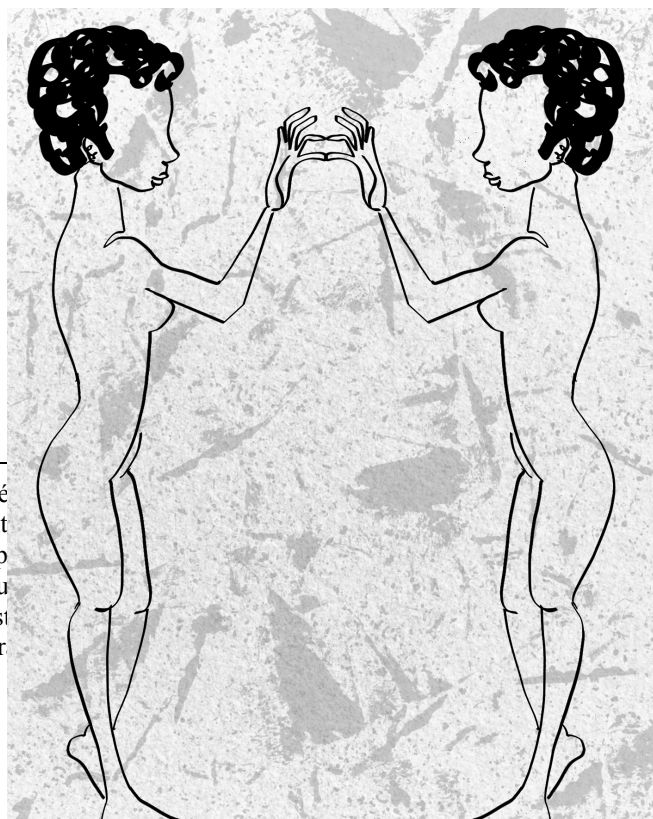
Neste contexto turbulento de produção de conhecimento me alio a outros trabalhos de antropólogas, antropólogos e antropólogues que fazem um chamado para a construção de outras Antropologias com a respectiva quebra de paradigmas coloniais, racistas, misóginos, sexistas, homofóbicos, transfóbicos, capacitistas. Por último, concisamente, coloca-se em questão: *Que lugar é esse da Antropologia em tempos sombrios?*

As antropólogas, os antropólogos e antropólogues são interpelados igualmente por seus pares, já que não se pode escapar da posicionalidade, reiterada por Abu-Lughod¹⁶ (2018), e pelos grupos outrora identificados como objetos de pesquisa, a darem vida aos seus trabalhos e uma escuta unida à práxis mais sensível e efetivamente coparticipativa com seus interlocutores.

Inspirada pela provocação de Abu-Lughod (2018) apresento a ilustração abaixo que carrega como símbolo o duelo das apresentações dicotômicas e a engenhosa habilidade, por meio de um toque sutil, que encontros transdisciplinares podem se tornar estratégias para provisórias transgressões aos binarismos, as dualidades e, principalmente, o rompimento com a linguagem compartimentada produzida pela modernidade e pelo cânone cartesiano.

A transdisciplinaridade é uma abordagem, em que o sujeito assume todas as dimensões do conhecimento, o qual é integrado pela ciência e pela natureza (ou também podemos considerar as relações de humanos e não-humanos) e, conseqüentemente, compreende a existência do sagrado para transcender os limites da fragmentação.

Assumir a
das coisas como
é aprender a
conjunto,
conhecer,
e, assim,
nova ontologia



complexidade
espaço frutífero
viver em
aprender a
aprender a fazer
construir uma
capaz de abraçar

¹⁶ Lila Abu-Lughod é professora no Departamento de Antropologia, influenciada por suas contribuições dos estudos de gênero, indiquei ao longo deste artigo as que foram importantes para

de Ciências Sociais no Brasil, como autora deste artigo, também a partir das contribuições de Clifford e Marcus (2016) e de outras autoras e autores que

pedagogias experimentais.

Figura 4 – Duelo. Produção da autora, 2021. Materiais utilizados: desenho digital no aplicativo Procreate no Ipad.

Infelizmente, muitos denunciam que a Antropologia institucionalizada ficou produtivista e sem tempo para se entusiasmar com o processo e se permitir inovar em movimentos experimentativos.

A Antropologia na contemporaneidade sente-se impelida a desenvolver uma performance proativa de construção de significados e recursos mais sensíveis quanto aos processos comunicativos.

Para engrossar o caldo deste debate retomo os argumentos de Shah (2020), em que ela questiona os limites da produção do conhecimento na Antropologia e a inevitabilidade em se buscar estratégias potencialmente revolucionárias como uma forma de engajamento do pesquisador, em suas palavras “precisamos ser cada vez mais claros sobre o que fazemos, por que fazemos e por que isso é importante” (p.375).

A partir desse chamado e unindo-o às autoras e aos autores já citados neste artigo, a minha pesquisa de doutorado visa construir fundamentos imagéticos e teóricos sobre o

uso do desenho como produção do conhecimento e um método capaz de potencializar a argumentação na elaboração do pensamento científico antropológico.

Quando se evoca a linguagem dos desenhos busca-se traduzir para além das palavras (estas que são canonicamente aceitas como instrumentos capazes de produzir e reproduzir o pensamento científico) interpretações visuais de conceitos. Sendo assim, é imperativo abrir o debate e forçar as concepções dos outros modos de se comunicar o pensamento científico.

Mesmo que se identifiquem as chamadas viradas epistêmicas sejam elas ontológicas, linguísticas, afetivas, discursivas, pragmáticas, antropológicas, ecológicas, o diálogo para além da fronteira acadêmica foi alcançado ou ainda estamos vivendo em um círculo fechado de construção do conhecimento?

Por intermédio da perspectiva de Goldman¹⁷ (2010) reforçam-se os argumentos da necessidade visceral, dentro da prática antropológica, para que se efetive o processo criativo da virada antropológica, ou seja, em que se desestruture as bases colonialistas, imperialistas do arcabouço disciplinar da Antropologia.

Diante da perspectiva deste autor de um “fim da antropologia”, o propósito, na verdade, não é a sua extinção, todavia seria tornar a Antropologia “mais segura de si e menos cínica”, segundo as palavras de Roy Wagner¹⁸, mais transparente. A Antropologia no contemporâneo deve abraçar sua característica criativa e inventiva para enfim tornar-se concretamente dialógica, ética e prática, como sugerido por Ortner (2011:439) “com os pés no mesmo chão dos nativos”.

Grafias finais

Às vezes, enquanto acadêmicos, nos perguntamos qual é a nossa contribuição, de forma mais geral, para a ciência produzida a nível local e também global, pois almejamos corresponder ao investimento ao qual nos sentimos privilegiadas(os) em receber, tanto pelo Estado (dentro das Universidades Públicas) quanto também pela

¹⁷ Márcio Goldman é antropólogo branco brasileiro professor titular da UFRJ.

¹⁸ Roy Wagner nasceu em Cleveland, Ohio. Foi um antropólogo cultural norte-americano especializado em antropologia simbólica.

sociedade. Acredito que ao estimular criativamente a produção do conhecimento comprometo-me com o pacto de não perpetuar os instrumentos do epistemicídio¹⁹ na Antropologia, fomentando assim um diálogo transdisciplinar, dinâmico e fluido.

Em prol de reforçar uma Antropologia engajada criei o desenho abaixo, denominado “em nossas mãos”.



Figura 5 – Em nossas mãos. Produção da autora, 2021. Materiais utilizados: aquarela sobre papel 300g com finalização digital no Illustrator.

Como estratégia criativa de produção sensível e viva da ciência trago a linguagem das grafias como mais um reforço para a virada epistemológica e ontológica da Antropologia.

Posto isto, para reafirmar a multiplicidade das linguagens neste artigo, pois acredito que as epistemes são também táteis e não exclusivamente abstratas sinalizo que os desenhos e as poesias articulados às produções textuais são caminhos interessantes

¹⁹ Epistemicídio é um conceito trabalhado por Sueli Carneiro em sua tese e advém do pensamento de Boaventura Sousa Santos (1997), “para quem o epistemicídio se constituiu e se constitui num dos instrumentos mais eficazes e duradouros da dominação étnica/racial, pela negação que empreende da legitimidade das formas de conhecimento, do conhecimento produzido pelos grupos dominados” (CARNEIRO, 2005:96). Desta forma, quando me comprometi a não perpetuar os instrumentos do epistemicídio na Antropologia rompi com a ideia de produção de uma única forma de conhecimento válido, em que se exclui a diversidade dos saberes, assim como o processo persistente de enunciação de uma produção teórica no campo disciplinar da Antropologia citando apenas antropólogos brancos, do norte global. Para uma certa produção de conhecimento antropológico, seja ela desde os movimentos coloniais até a contemporaneidade, os corpos negros são vistos como fontes de saber, mas não como produtores de conhecimento, ou como interlocutores no diálogo acadêmico.

para a combinação dos afetos e o desenvolvimento da produção do conhecimento. Colocar em cena processos da diversidade humana, ao qual é o esforço da empreitada antropológica, é uma demanda tão complexa e tão profunda que as palavras não são suficientes.

Em concordância com o pensamento feminista negro em que se afirma que nossos passos vêm de longe concatenado às fabulações de Donna Haraway²⁰ (2016) sobre as Histórias de Camille precisamos costurar colaborações improváveis sem se preocupar muito com os tipos ontológicos convencionais, os futuros são possíveis, mesmo que agora os vejamos como implausíveis, todavia eles são reais (p.136).

Não gostaria de terminar este texto com um nó que encerra ou dificulta outras possíveis continuidades, pois a particularidade da linha é emaranhar-se por tantas outras trajetórias. Deixo, portanto, neste espaço em que findo as palavras uma poesia e uma ilustração sobre o amor.

A palavra amor apresentada como dispositivo analítico num artigo pode ser melindrosa, mas é este sentimento capaz de dar energia suficiente para enfrentar desgastes e os tensionamentos nas fronteiras epistemológicas. Diante desse embate não posso me esquivar de assumir riscos, porque ao final não é possível controlar os imponderáveis da vida cotidiana.

O amor dentro da pesquisa

Com afeto escrevo sobre o sentimento mais inquieto
e que nos move cotidianamente
perpassa todas as lembranças, as vivências presentes e os sonhos futuros
o amor
O amor é um sentimento companheiro
ele nos dá o apoio quando queremos desistir
ou quando nos sentimos enfraquecidos.
O amor tem a textura do beijo que acalenta e afaga,
que protege e faz um carinho
que nos enche de tranquilidade
Entretanto, ao mesmo tempo que ele traz a calma, a paz e o sossego
o amor carrega suas contradições e perturbações
Ter amor, fazer amor, estar embriagada de amor
é também estar mergulhada no desejo e na paixão.
Nos devaneios de passos e descompassos
entusiasmada com as chamas desse sentimento que aquece o peito
o amor nos envolve em dor, em perdas e saudades.
Só que no final, o amor significa o meu cordão umbilical com o mundo
a metáfora do apego
o que me faz ser o que sou.

²⁰ é bióloga, filósofa, escritora branca estadunidense e professora emérita no Departamento de História da consciência, na Universidade da Califórnia em Santa Cruz.



Figura 6 – A cura prática. Produção da autora, 2021. Materiais utilizados: desenho digital no aplicativo Procreate no Ipad.

Referências

ABU-LUGHOD, Lila. A escrita contra a cultura. *Equatorial*, v. 5, n.º 8, p. 193-226, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/equatorial/article/view/15615>. Acesso em 15 jun. 2021.

BANIWA, Gersem Luciano. Desafios no caminho da descolonização indígena. *Novos Olhares Sociais*, Revista do PPGCS/UFRB, vol. 2, n.º 1, p. 41-50, 2019. Disponível em < <https://www3.ufrb.edu.br/ojs/index.php/novosolharessociais/article/view/463>>. Acesso 16 jun. 2021.

CARNEIRO, Sueli. *A Construção do Outro como Não-Ser como fundamento do Ser*. 2005. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

CARNEIRO DA CUNHA, Manuela. “Cultura” e cultura: conhecimentos tradicionais e direitos intelectuais. In: *Cultura com aspas e outros ensaios*. São Paulo: Cosac Naify, 2009. p.311-373.

CARVALHO, José Jorge de. O olhar etnográfico e a voz subalterna. *Horizontes Antropológicos*, vol. 7, n.º.15, p. 107-147, 2001. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/25786>. Acesso em 16 jun. 2021.

CLIFFORD, James; MARCUS, George. *A escrita da cultura: poética e política da etnografia*. Rio de Janeiro: Papeis Selvagens, EdUFRJ, 2016.

COLLINS, Patrícia Hill. Aprendendo com a outsider within: a significação sociológica do pensamento feminista negro. *Revista Sociedade e Estado*, v. 31, n°. 1, p. 99-127, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/se/a/MZ8tzsGrvmFTKFqr6GLVMn/abstract/?lang=pt>. Acesso em 15 jun. 2021.

DE OLIVEIRA, Roberto Cardoso. O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever. *Revista de antropologia*, p.13-37, 1996. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/41616179> . Acesso 25 jul.2022.

DIAS, Luciana de Oliveira. Quase da família: corpos e campos marcados pelo racismo e pelo machismo. *Humanidades & Inovação*, Tocantins, v. 6, n°. 16, p.9-12. nov.2019. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadesinovacao/article/view/1823>. Acesso em 16 jun. 2021.

GOLDMAN, Márcio. 2011. O fim da antropologia. *Novos estudos*. – CEBRAP, edição 89, vol. 30, n°.1, p. 195-211, 2011. São Paulo. Disponível em https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-33002011000100012. Acesso 24 jun. 2021.

HARAWAY, Donna. *Staying with the Trouble: Making Kin in the Chthulucene*. Durham and London: Duke University Press, 2016.

INGOLD, Tim. Culture and the perception of the environment. In: *Bush base, forest farm*. routledge, 2002, p.51-68. Disponível em: <https://www.taylorfrancis.com/chapters/edit/10.4324/9780203036129-9/culture-perception-environment-tim-ingold> . Acesso 20 jul. 2022.

INGOLD, Tim. *Estar Vivo: Ensaio sobre movimento, conhecimento e descrição*. Petrópolis: Editora Vozes, 2015.

KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo, Cia das Letras, 2019.

KUSCHNIR, Karina. A antropologia pelo desenho: experiências visuais e etnográficas. *Cadernos Arte e Antropologia*, vol. 5, n. 2, p. 5-13, 2016. Disponível em: <https://journals.openedition.org/cadernosaa/1095>. Acesso 15 jun. 2021.

LORDE, Audre. *Irmã outsider*. Belo Horizonte, Autêntica Editora, 2019.

NEALE HURSTON, Zora. O que os editores brancos não publicarão. *Ayé – Revista de Antropologia*, v. 1, n°. 1, p. 106-11, 2019 Disponível em: <https://revistas.unilab.edu.br/index.php/Antropologia/article/view/288>. Acesso em 16 jun. 2021.

NOVAIS, Kaito Campos de. *Gestos de Amor, Gestações de Lutas: uma etnografia desenhada sobre o movimento Mães pela Diversidade*. 2018. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Faculdade de Ciências Sociais, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2018.

ORTNER, Sherry. Teoria na antropologia desde os 1960. *Mana*, v. 17, n°.2, p.419-466, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/mana/a/vW6R7nthts99kDJjSR79Qcp/?format=pdf&lang=pt>. Acesso 23 jun. 2021.

QUINTILIANO, Marta. *Redes Afro-Indígenas: uma autoetnografia sobre trajetórias, relações e tensões entre cotistas de Pós-Graduação e Políticas de Ações Afirmativas na Universidade Federal de Goiás*. 2019. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Faculdade de Ciências Sociais, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2019.

SHAH, Alpa. Etnografia? Observação participante, uma práxis potencialmente revolucionária. *R@u – Revista de Antropologia da UFSCAR*, v. 12, n°. 1, p.373-392, 2020. Disponível em: <http://www.rau.ufscar.br/wp-content/uploads/2020/09/17.pdf>. Acesso 18 jun. 2021.